

## O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO HUMANA NO QUADRO CONTEMPORÂNEO

LUÍS SCHWALBACH

*É com muita satisfação que oferecemos aos nossos leitores o presente estudo, de autoria do prof. LUIS FELIPPE DE LENCASTRE SCHWALBACH LUCCI, catedrático de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desta maneira, inicia o Boletim Paulista de Geografia uma obra de maior aproximação com os mestres da Geografia portuguesa, dentro da tradicional e fraterna amizade que une o Brasil a Portugal.*

Os deslocamentos de populações e suas causas. — Conforme tem sido repetidas vezes explanado, sempre se manifestou uma disposição instintiva na maioria dos agrupamentos humanos para as movimentações; entretanto, a História elucida-nos que os êxodos de grandes massas populacionais só se produziram, quando aquela propensão foi aguilhoada por fortes impulsores. Ainda que reconheçamos a impossibilidade de enumerar todas as séries de estímulos, susceptíveis de originarem as migrações, não nos esquivaremos a expôr algumas causas que se nos afiguram de valor primacial para a interpretação dêste problema.

Certos espíritos demasiado singelos supõem que as deslocações produzir-se-ão sistematicamente de secções terrestres de densa concentração humana para outras em que exista um reduzido número de braços. Pois, em bastantes casos, observa-se precisamente o contrário, isto é, a saída de indivíduos de cantões fracamente habitados para sectores do globo que se distinguem pela farta aglomeração.

E torna-se natural que assim haja sucedido. Bastará lembrarmo-nos de que, numa zona de estepes pobres, uma densidade de 10 pessoas por quilómetro quadrado pode já traduzir uma sugestiva modalidade de superpovoamento, e de que vários distritos de intensa vida industrial se mostram aptos para acolherem mais de 900 almas, na mesma unidade de superfície, sem que faltem aí recursos quanto à sustentação de toda a grei. O nosso pensamento transitará de

diversas estepes da Ásia Central e ao norte do Cáspio para as circunscrições fabris do Ruhr e do Nordeste dos Estados- Unidos.

Na realidade, o tema é deveras complexo, aparecendo por vêzes mesclados os factores económicos, sociais, políticos, religiosos, geográficos e étnicos.

O falecido professor da Universidade de Coimbra, Dr. MARNOCO E SOUSA, indica-nos que a causa económica da imigração estava reduzida à seguinte lei: "a população proporciona-se à soma das suas subsistências, dividida pela soma das suas necessidades. De modo que a densidade da população não é, por si mesma, uma causa determinante da emigração, visto esta aparecer unicamente quando se rompe o equilíbrio entre a população e as subsistências divididas pelas necessidades."

Um sensível esgotamento do solo e a falta de recursos para a aquisição de adubos químicos, em farta quantidade, representarão motivos para a fuga desses retábulos deficitários, a não ser que a atividade industrial prodigalize o capital indispensável para as compras no estrangeiro.

O complexo fator *clima* aparece catalogado como o principal responsável de muitas deslocações dos grupos humanos. A propósito, anotaremos que este impulsor foi guindado a um alto nível pelos Profs. RATZEL e HUNTINGTON. Convirá, no entanto, discriminar as variações climatológicas de feição normal e as que possuem um aspecto meramente esporádico: a primeira modalidade poderá determinar, por exemplo, a transumância, — uma espécie de semi-nomadismo, executado em regra pelo gado e pelos seus pastores; a segunda categoria derivará de excepcionais inundações de rios, de sucessivos anos de seca, duma extensa glaciação, etc., etc.

A notícia de que numa região foi encontrado um produto, cuja venda deve originar largos proventos, atrairá para aí feixes de imigrantes, como outrora sucedeu na Califórnia, no Canadá, na Austrália Ocidental, ao conhecer-se que, nessas divisões terrestres, surgira uma apreciável quantidade de ouro. Fenômeno idêntico se manifestou ultimamente na zona fronteira entre o Brasil e a Guiana Francêsa.

Não se torna excepcional o fato de a realidade se mostrar emoldurada por narrativas lendárias: nalguns casos assim aconteceu, quando grupos de portugueses se internaram no Brasil e núcleos de espanhóis avançaram pelas terras da Argentina, do Chile e do Perú, à busca de metais preciosos. A miragem do Eldorado constituiu um vigoroso excitante para despertar as energias de muitos colonos na América do Sul.

A mudança no primário gênero de atividade duma população também será capaz de provocar a fuga do solo metropolitano. Há

um exemplo deveras sugestivo: referimo-nos à saída de numerosos habitantes da Inglaterra, durante o reinado de Isabel I, ao substituir-se grande parte da lavoura pela criação de gado.

Os fatores religiosos e políticos repetem com assiduidade a sua decisiva interferência neste assunto. Como exemplos, mencionaremos as sucessivas fugas dos hebreus, sempre que a Palestina foi entregue a inimigos intolerantes, ou quando, noutros países, se manifestou aversão à sua permanência (época de Fernando e Isabel na Espanha, de D. Manuel I em Portugal, de Hitler na Alemanha), e a expansão árabe após a morte de Maomé. Também as lutas políticas e religiosas na Inglaterra, desde Henrique VIII até Guilherme de Orange, fizeram afugentar do território britânico milhares e milhares de indivíduos. Ainda não nos esqueceremos dos efeitos da revogação do édito de Nantes.

A perda da independência duma nação pode estimular a fuga de muitos patriotas, que não desejam viver sob o domínio dos novos senhores. Tal se verificou após a partilha da Polónia.

Por mais duma vez tem sucedido a realização de troca de populações, como uma das consequências do termo de conflitos entre diversos Estados. Lembrêmo-nos de que, em seguida à primeira Grande-Guerra, houve a permuta de centenas de milhares de habitantes da Turquia e da Grécia e de que, depois da segunda Conflagração Mundial, o governo checo enviou para o território da Alemanha numerosos sudetos.

Não será talvez descabido pôr em realce a influência étnica na manifesta propensão para contínuas deslocações, que se apresenta nalguns grupos humanos, acudindo desde logo ao pensamento as constantes mudanças dos irrequietos ciganos.

Na classe de migrações internas, sobressai como causa bastante vulgar o desenvolvimento fabril em determinados sectores. Este fenómeno mostra-se bem exemplificado em várias povoações de Portugal: citaremos o Barreiro, São João da Madeira, etc. Merecerá um estudo particular o fenómeno do urbanismo.

DANIEL FAUCHER, o consagrado autor da *Géographie Agraire*, sintetizou hábilmente os motivos gerais da emigração: o género de vida, um desequilíbrio demográfico ou económico, impulsores sociais e políticos, um sistema agrícola atrasado e o espírito de aventura.

Sucintamente, passaremos a indicar diversos tipos de migrações: terrestres e marítimas; em latitude e em longitude; em horizontalidade e em verticalidade; internas e externas; definitivas e transitórias; violentas (invasão) e de infiltração; espontâneas e forçadas. O vocábulo "espontâneo" é aqui mencionado na acepção de o Estado não interferir, ao menos por uma forma directa, nestas movimentações.

Já por mais duma vez nos ocupamos do complexo tema da emigração humana, sem que, de ordinário, as nossas considerações

houvessem ultrapassado os primeiros tempos, que se seguiram à derradeira Conflagração Mundial. Todavia, o panorama econômico, social e político experimentou mutações tão profundas nos últimos anos, que novos componentes terão de ser apreciados, se quisermos atualizar devidamente as interpretações sobre este assunto.

**As migrações contemporâneas e suas características.** — Poderemos inculpar como grande responsável do enfadonho ambiente, que se adensa em tórno da Humanidade, a causticante "guerra fria", que conseguiu inquinar as mais sãs e generosas iniciativas, fazendo ascender espessas colunas de desconfiança e de intriga em cada recanto terrestre. Afigura-se-nos desnecessário insistir na descrição dos efeitos deste mal-estar no problema que constitui o fulcro do presente estudo.

Mas outros fatores têm contribuído, por um modo assáz explícito, na caracterização do quadro contemporâneo. Dentre eles, enumeraremos os seguintes: tentativas registadas em diversas nações para se libertarem totalmente, dentro de certos sectores da sua economia, dos fornecimentos estranhos, quando, aliás, ainda há poucos anos se mostrava bem dilatada a sua dependência perante outros países, — o que, por vêzes, motivou o chamamento de mão de obra estrangeira, no intuito de garantir o êxito de transformações agrícolas ou industriais; o acentuado acréscimo demográfico, manifestado nalgumas divisões do globo; a adoção dumas normas políticas que tornaram, por assim dizer, quase irrespirável o ar pátrio, — salvo para os elementos do partido opressor...

A segunda Grande-Guerra e as múltiplas crises que, após o término deste cataclismo internacional, se alastraram por vastas superfícies terrestres, fizeram germinar uma classe de emigrantes — os *refugiados*, conforme a designação mais vulgar. A incompatibilidade com os dirigentes dos respectivos Estados explicará, na maioria dos casos, o motivo das fugas.

No entanto, esta modalidade de evasão vamos encontrá-la já em épocas remotas. Registamo-la, por exemplo, quando se desencadearam lutas civis em cidades da Fenícia, da Grécia e da Itália; também a anotaremos, entre o século XV e o século XVIII, na Espanha; na França e na Inglaterra, mescladas assiduamente as causas políticas com os impulsores religiosos; e em Portugal, durante as denominadas lutas liberais, no segundo quartel do século XIX. Em data recente, ainda apontaremos o êxodo de muitos milhares de judeus, que a administração hitleriana escorraçou da Europa Central; agora, com a criação do Estado de Israel, grande parte dos fugitivos aprofou ao litoral da Palestina; desde a sua nascença, a nova Potência recebeu cerca de 800.000 emigrantes.

Raro é o dia em que bastantes dezenas de pessoas, residentes para além da "Cortina de Ferro", não procurem transitòriamente um asilo na Alemanha Ocidental. Só no mês de maio de 1953 ingressaram no território da República de Bonn mais de 40.000 indivíduos!

Não obstante a influência exercida por variados organismos internacionais, permanecem em desconfortáveis campos de concentração milhares de refugiados. Tal situação de maneira alguma deverá perdurar, porque, além do mais, fornece valiosos argumentos para certa propaganda de porta-vozes da extrema esquerda.

A propósito, convirá esclarecer que, em Genebra, funciona a "Comissão Intergovernamental das Migrações Europeias", inspirada pela O. N. U. e que já prestou alguns serviços benéficos. Entretanto, o Dr. J. VAN HEUVEN GOEDHART, alto comissário das Nações Unidas naquele organismo, declarou recentemente que a reserva de emergência para os refugiados estava quase esgotada.

Há nações que continuam a aceitar fortes contingentes de trabalhadores estrangeiros, devido à falta de mão de obra nacional, quer para a lavoura, quer para o trabalho fabril. Semelhante directriz manifesta-se nitidamente na maioria das républicas sul-americanas. Num dos últimos meses, a Argentina ingressou na referida Comissão de Genebra e, desde logo, lhe foi atribuída uma ampla percentagem de emigrantes: decerto que continuará a dominar a onda italiana. Desde 1949, o território argentino recebeu mais de 200.000 indivíduos oriundos da península dos Apeninos.

Em jornais e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo, tornou-se assaz frequente o aparecimento de artigos sòbre o tema do presente estudo. Alguns políticos e economistas têm advertido os Poderes Públicos de que será um tanto arriscada a permissão de se concentrarem muitos milhares de estrangeiros, da mesma terra natal, numa limitada área do Brasil, porquanto semelhante prática é susceptível de germinar a constituição de um Estado dentro do Estado...

Apesar dêste contra, há quem insista na apresentação dum plano em virtude do qual cerca de 600.000 nipônicos seriam chamados para a Amazònia, para Goiás e para Mato-Grosso. O problema merece especial atenção; demais teremos a considerar que, outrora, a maioria dos emigrantes japoneses havia se fixado principalmente no Estado de São Paulo, onde as condições mesológicas lhes eram mais favoráveis, ao invés do que acontecerá em diversos cantões oferecidos, de futuro, para a fixação nipônica. A êste respeito, ainda indicaremos que últimamente foi autorizada a penetração, no Brasil, a 9.000 famílias japonesas: um grupo ocupar-se-á da cultura da juta nos Estados do Amazonas e do Pará; os res-

tantes exercerão outras atividades nos Estados do Maranhão, da Bahia, do Amazonas, do Pará e de Minas-Gerais.

Já por diversas ocasiões alguns estadistas brasileiros têm proclamado que os colonos portugueses representam o mais útil componente para a valorização do território nacional. Assim, um deputado afirmou que "pela raça, pela língua, pela religião, pelos costumes e tradições, pela origem, enfim, a imigração lusitana era a melhor que podia o Brasil — país novo e em evolução — desejar neste momento".

Em 1949, a república sul-americana recebeu 78.933 emigrantes, dos quais 13.122 portugueses, 8.963 "yankees", 9.161 italianos, 7.424 argentinos e 3.227 alemães; no ano seguinte, entraram 87.184 indivíduos, dos quais 19.973 portugueses, 10.372 norte-americanos, 12.564 italianos e 3.503 alemães. A quota de imigração concedida pelo governo passou de 18.000, em 1952, para 23.000, em 1953. A corrente será preferentemente dirigida para os Estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Minas-Gerais.

Terminada a derradeira Guerra-Mundial, a Austrália patenteou liberalmente o seu solo aos emigrantes; mas, decorrido algum tempo, sentiu a necessidade de condicionar a entrada dos fugitivos, visto que os recém-vindos iam, em regra, escolher umas circunscrições, onde o desemprego era já bastante acentuado.

Durante largo período, a China e o Japão figuraram entre as nações que forneciam o maior contingente de emigrantes. Admitia-se, por exemplo, que fora do território pátrio, viviam mais de oito milhões de chineses. A seu turno, os nipônicos, apinhados nas minúsculas planícies do arquipélago metropolitano, desseminalaram-se prodigamente pela zona ocidental do Pacífico, pela Califórnia, pelo sul do Brasil, etc. Não nos esqueçamos de que o governo de Washington teve de promulgar uma lei, no primeiro quartel do século XX, tendente a restringir a quantidade de imigrantes de todos os países; tratava-se, é certo, duma providência de ordem geral, mas o seu conteúdo era especialmente endereçado ao povo nipônico.

Pela lei Mac Carran, que entrou em vigor nos fins de 1952, os recém-vindos aos Estados-Unidos ficarão divididos em duas categorias: a primeira será constituída pelos parentes próximos dos cidadãos americanos ou de estrangeiros que vivam já naquele país; a segunda abrangerá as pessoas que, pelo seu trabalho ou pela sua competência técnica, se mostrem capazes de beneficiarem os interesses econômicos ou culturais da república "yankee". A referida lei proíbe a entrada de indivíduos que hajam pertencido a organizações comunistas, enquanto se apresenta tolerante relativamente a antigos fascistas, nazis, etc. A Câmara dos Representantes auto-

rizou o ingresso, nos Estados-Unidos, de 214.000 refugiados, durante três anos.

A excessiva irregularidade, na partilha das riquezas oferecidas pela natureza, tem obrigado a saída de muitos habitantes da Índia, sobretudo para a África Austral e Oriental. Entretanto, a fixação em território da União Sul-Africana está, de momento, quase interdita, pelo fato do atual governo de Pretória insistir na adoção do regime de separação racial, não obstante as censuras que lhe foram dirigidas pelos organismos da O. N. U.

Emprêças canadenses têm oferecido sedutoras garantias aos europeus que desejam obter uma ocupação neste Domínio da Comunidade Britânica. Apareceram muitos concorrentes, mas, no regresso, vários emigrantes queixaram-se de que não haviam achado naquele país as facilidades de vida que lhes tinham sido acenadas. O assunto até serviu de tema para longos artigos em diversos jornais franceses e as entidades canadenses apressaram-se a contestar a veracidade das afirmações contidas nos periódicos gaulseses.

Em 1951, entraram no Canadá — país de tão extensa superfície e tão pouco povoado —, uns 190.000 emigrantes; sem dúvida, número elevado, mas ainda longe da soma registrada no ano de 1913 — 500.000. Salvo casos excepcionais, os pedidos de imigração para aquele Estado, feitos por elementos portugueses domiciliados no Continente ou na Madeira, serão indeferidos durante o ano de 1954: as concessões apenas abrangem o arquipélago dos Açores, donde já embarcou um grupo bastante numeroso.

Há duas nações européias que continuam a figurar entre os principais fornecedores de emigrantes e que vêm a ser a Itália e a Espanha. Mantem-se a velha prática de trabalhadores rurais, oriundos da península dos Apeninos, se entregarem, na metrópole, ao cultivo de cereais, no decurso de alguns meses, ficando o resto do ano reservado para idêntica labuta em terras da Argentina. Como é óbvio, esta prática torna-se possível porque os dois países estão situados em diferente hemisfério. Eis um sugestivo modelo duma deslocação temporária.

Em Espanha, a migração transoceânica foi sempre superior a 111.000 pessoas, entre 1909 e 1913, chegando a alcançar a totalidade de 160.936, no ano de 1910; depois, manteve-se àquela de 67.000, excetuada a época de 1920, durante a qual o êxodo assumiu uma feição doentia, pois abandonaram o território nacional cerca de 150.570 indivíduos. De 1937 a 1951, opera-se, de ano para ano, um acréscimo no número de fugitivos, mas em 1952 verifica-se uma mui leve diminuição. Assim,

Ano	Emigração	Imigração
1947 .....	13.532	4.623
1948 .....	19.156	4.690
1949 .....	41.910	5.396
1950 .....	55.314	6.911
1951 .....	56.907	8.937
1952 .....	56.648	13.964

Os espanhóis dirigem-se, de preferência, para a Argentina, Cuba, Venezuela e Brasil. A Galiza é a zona metropolitana que fornece o maior contingente.

**Aspectos da emigração portuguesa.** — A emigração portuguesa firmou-se desde a era dos portentosos descobrimentos marítimos, ostentando, porém, acentuadas variações na soma dos componentes, segundo os períodos históricos. Múltiplos têm sido os impulsos de tal movimentação; num estudo publicado na "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa" (ano de 1948), apontámos como fatores primaciais deste fenómeno, no último século: crises piscatórias e vinícolas; baixas de salários; excessiva concentração de habitantes em certos distritos, — o que, no entanto, não impede que também se encontre de retábulos de fraca densidade; o exemplo de alguns, que voltaram ricos ou alcançaram nas regiões preferidas uma situação desafogada; as agitações políticas, dentro das fronteiras; o espírito aventureiro; fases de intensa deslocação de pessoas noutros países e o seu inevitável reflexo em Portugal.

Esta longa lista, aliás incompleta, revela-nos que o êxodo lusitano é aguilhoado por fartas séries de causas. Além disso, há a considerar que a corrente deriva indistintamente de cantões nacionais de maior, de média e de mínima aglomeração humana.

O assunto serviu de base a amplas explanações de escritores de nomeada, que insistentemente encararam também o problema colonial. Mencionaremos, dentre os dissertadores, Oliveira Martins, António Enes, Mousinho de Albuquerque, Basílio Teles, Anselmo de Andrade, Bento Carqueja, Ezequiel de Campos, Fernando Emídio da Silva, Marques Guedes e Nuno Simões.

Alguns atribuem ao território metropolitano a capacidade de alimentar a respectiva população por largo tempo, ainda que seja mantida a atual taxa de acréscimo, o que é firmemente contraditado por autorizados especialistas, com a afirmativa de que Portugal Continental mostra já apreciáveis indícios duma próxima saturação demográfica. Num cuidadoso estudo (*Traços principais da Evolução da Agricultura Portuguesa entre as Duas Guerras Mundiais*),

AZEVEDO GOMES, HENRIQUE DE BARROS e CASTRO CALDAS escreveram o seguinte:

“... mas porque a população se multiplicava sem que as iniciativas agro-pecuárias acelerassem correspondentemente o ritmo, que as caracterizava, começaram a ser flagrantes os sintomas do desemprego rural. A terra deixa de ser aforada, só se arrenda a curto prazo e pela renda marcada por quem mais oferece, e passa a vender-se a alto preço, em especial os pequenos lotes. Generalizou-se, deste modo, em Portugal, a *fome da terra*, sintoma evidente e grave de sobrepovoamento rural.”

Se, com efeito, existem no solo pátrio extensas superfícies que podem ser catalogadas como incapazes dum rendimento muito vantajoso, também se escalonam vários cantões, onde a técnica agrária ainda não foi erguida a um nível assáz superior ao que caracteriza a fase rudimentar em agricultura. Semelhante afirmativa de modo algum significa que nos pareça supérfluo o estudo da distribuição da nossa grei na área metropolitana e que devamos estancar totalmente a onda dos emigrantes.

Convirá esclarecer que se desenharam duas modalidades, entre os partidários da conservação dum acentuada corrente de fugitivos: para uns, constituirá uma fecunda norma a canalização dessas pessoas para os nossos domínios ultramarinos; outros, porém, julgam que o êxodo alcançará maiores vantagens, se continuar a dirigir-se para terras estrangeiras. Os últimos alicerçam o seu veredito no fato de admitirem que, nas referidas províncias de Além-mar, se torna deveras acanhada a área, onde os brancos se possam fixar dum modo definitivo, uma vez que o ambiente físico se apresenta bastante desfavorável; na realidade, fãcilmente apontarão exemplos de insucessos, em variadas tentativas do estabelecimento de núcleos portugueses, em determinados distritos das províncias ultramarinas.

Hoje, torna-se extremamente dificultoso apoiar a última opinião explanada. Em primeiro lugar, os dados colhidos na demografia e na etnografia provam que o ambiente físico de vastas parcelas de Angola e de certos retãbulos de Moçambique contem as condições precisas para garantirem a fixação definitiva dos emigrantes saídos da metrópole; depois, convirá recordar que a maioria dos desastres, outrora registrados, derivaram não só da má escolha dos locais preferidos, mas ainda dos govêrnos não terem ofertado a êsses indivíduos os auxílios indispensáveis para desenvolverem as suas atividades. Nem sequer indagavam quais as aptidões dos emigrantes!

Em 1947, foi criada a Junta de Emigração, que cuida do bem estar dos interessados, quer nos dias anteriores ao embarque, quer durante a viagem. Ao mesmo tempo, os Poderes Públicos vão conduzindo para escolhidas regiões ultramarinas alguns núcleos de metropolitanos, oferecendo-lhes um conjunto de elementos indispen-

sável para quem estiver disposto a fixar-se num território, cujo ambiente físico e social se mostra muito diferente do anteriormente conhecido. Sob tal directriz, partiram em março de 1953 umas 22 famílias de agricultores (125 almas) para Cela, no planalto de Amboim, onde encontraram casas, terrenos, alfaias, sementes, etc. Em meses posteriores, outros grupos foram conduzidos para a mesma circunscrição.

Houve uma época da nossa História em que a taxa de emigração assumiu uma feição assáz calamitosa. Referimo-nos aos primeiros anos depois da proclamação do regime republicano em Portugal: assim, o êxodo ultrapassou a soma de 88.900, em 1912; no ano seguinte, ainda alcançou uns 77.000. Mas, a partir de 1920 — ano em que abandonaram o solo metropolitano 64.783 pessoas —, só em datas excepcionais é que foi completado o número de 40.000. Tal sucedeu nos anos de 1923, 1926, 1929, e 1952, com as respectivas somas de 40.171, 42.067, 40.361 e 47.018 (do Continente — 38.727). De momento, a debandada tem atingido as maiores somas nos distritos de Viseu, do Pôrto, de Aveiro, de Bragança, da Guarda, de Vila-Real e, nas Ilhas Adjacentes, do Funchal. É forte a proporção dos indivíduos com uma idade entre 14 e 30 anos, quer dizer, num núcleo que contém um dos mais importantes sectores da população ativa.

Os emigrantes lusitanos escolhem de preferência o Brasil; apenas no ano de 1945 a maior porção teve como destino a república da Venezuela. Em 1952, 88,30% da totalidade dos fugitivos concentraram-se nas terras de Vera Cruz. Não deixaremos de registar que, em 1951-52, surdiram alguns modelos de emigração dirigida familiar: transitaram, então, dos Açores para o Sul de São Paulo e para Minas-Gerais, 38 famílias, e da Madeira para o Paraná e São Paulo, 48 núcleos familiares.

Em período alongado, foi escassa a percentagem de portugueses que procuravam fixar-se nos nossos domínios ultramarinos; para o comprovar, bastará dizer que, entre 1937 e 1944, nunca foi ultrapassada a soma anual de 7.000 pessoas. Agora, o panorama sofreu acentuadas modificações. Assim, no último quinquênio, embarcaram para os territórios de Além-Mar 77.058 metropolitanos.

Uma vez que seja mantida, em grau não decrescente, esta escoante para o relativo excesso de população dentro das fronteiras de Portugal Continental, e se também fôr alargada a ação da Junta da Colonização Interna, afigura-se-nos que o problema do superpovoamento ainda estará longe de se patentear alarmante, nos senhorios lusitanos.

EMIGRANTES PORTUGUESES SEGUNDO O PAÍS DE DESTINO  
— ANO DE 1952

	TOTAL	Argentina	Brasil	E. U. América	França	Antilhas Holandesas	U. Sul Africana	Venezuela	Outros países
<b>TOTAL GERAL</b>	47018	1477	41518	582	261	556	355	1668	601
Continente .....	38727	1413	35496	389	258	9	36	631	535
Aveiro .....	5052	40	4557	113	7	2	2	277	24
Beja .....	54	11	40	1	—	—	—	1	1
Braga .....	2802	64	2688	—	28	—	1	17	9
Bragança .....	3562	44	3464	7	13	—	—	6	28
C. Branco .....	376	71	254	6	10	—	—	10	25
Coimbra .....	2806	57	2650	19	15	—	—	23	42
Evora .....	95	3	23	1	1	2	—	2	3
Faro .....	858	502	183	6	41	—	3	28	95
Guarda .....	3101	289	2615	55	36	—	3	7	96
Leiria .....	1777	84	1612	26	17	—	—	14	14
Lisboa .....	977	26	795	27	6	1	2	74	76
Portelegre .....	53	3	46	1	—	—	1	—	2
Pôrto .....	5600	6	5377	13	24	4	13	138	25
Santarem .....	626	14	574	6	—	—	3	11	18
Setúbal .....	133	11	91	7	1	—	1	7	15
V. do Castelo ..	2214	112	1975	19	55	—	—	18	25
Vila Real .....	2910	8	2887	36	1	—	—	13	15
Viseu .....	5791	68	5625	36	8	—	7	15	32
Ilhas Adjacen ..	7512	40	5558	45	—	525	306	1020	18
Ultramar e estr..	741	24	493	148	2	22	13	11	28
Ignorada .....	38	—	31	—	1	—	—	6	—
Lisboa cidade ..	761	20	621	21	5	1	1	29	63
Pôrto cidade ..	559	1	531	3	7	—	—	8	9

**Concluindo.** — Se cotejarmos as remotas movimentações humanas com as que se desdobram em tempos hodiernos, teremos de reconhecer que não houve alteração na maioria das séries de componentes, susceptíveis de provocarem este fenómeno. Todavia, verifica-se que presentemente se utiliza, cada vez mais, a denominada *migração dirigida*, no intuito de reduzir, em semelhantes empreendimentos, as probabilidades dos insucessos. Talvez se perca um pouco da iniciativa individual, mas decerto ganhará alento a tendência para obter o geral bem-estar das diversas coletividades.

Lisboa, março de 1954.